

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS

Breno Oliveira Correia

**CONTRUÇÕES LEXICAIS E TRADIÇÕES ORAIS: UM ESTUDO EM CAMPO DO MEIO, SUL DE
MINAS GERAIS**

Alfenas/MG
2018

Breno Oliveira Correia

**CONTRUÇÕES LEXICAIS E TRADIÇÕES ORAIS: UM ESTUDO EM CAMPO DO MEIO, SUL DE
MINAS GERAIS**

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado na Universidade Federal de Alfenas
como requisito para a obtenção do título de
Licenciatura em Letras – Português.

Orientador: Prof. Dr. Celso Ferrarezi Jr

Alfenas/MG
2018

Breno Oliveira Correia

**CONTRUÇÕES LEXICAIS E TRADIÇÕES ORAIS: UM ESTUDO EM CAMPO DO MEIO, SUL DE
MINAS GERAIS**

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado na Universidade Federal de Alfenas
como requisito para a obtenção do título de
Licenciatura Letras – Português.

Aprovado em: ____ de _____ de ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Celso Ferrarezi Jr
UNIFAL-MG

Assinatura: _____

Prof. Dr. Robson Santos Carvalho
UNIFAL-MG

Assinatura: _____

Prof. Dra. Rosângela Rodrigues Borges
UNIFAL-MG

Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

A Deus por estar sempre comigo em todos os momentos.

Ao meu grande professor, orientador e amigo, Dr. Celso Ferrarezi Jr., pela confiança e por todo o apoio durante a graduação e durante esta pesquisa.

À professora Rosângela por toda a contribuição durante esses quatro anos.

Aos meus pais Antônio e Rosália, por todo o amor e dedicação.

Aos meus amigos de sala por tudo o que compartilhamos juntos.

À Thayna, minha grande amiga de caminhada, por todo o apoio e carinho.

Aos meus amigos de transporte que compartilharam comigo todos os momentos na faculdade, em especial, Juliana, Ayrton, Diego, Jéssica, Renata, Andreza e Thaís.

Aos meus grandes amigos de Campo do Meio: Larissa, Júlia, Caio, Carlos, Kaíque, Cristiano, Pedro Paulo, Ravena, Gizeli, Bárbara, Lela, Ana Paula e Matheus.

Aos meus amigos de outras cidades por todo carinho: Aline, Josimar, Rafael e Otávio.

Aos meus irmãos Daniela e Evair por todo o apoio.

A todos os meus professores por todo o aprendizado adquirido.

Ao meu avô João Francisco, meu maior exemplo de vida, por todo amor e toda disposição em ser o primeiro entrevistado da pesquisa.

Às minhas ex-professoras de língua portuguesa na educação básica, em especial, à Gislene e à Alessandra.

Aos meus amigos do EJC, por todos os momentos compartilhados.

Tudo é válido na língua, desde que se logre comunicar-se.”

Machado de Assis.

RESUMO

Esta monografia apresenta uma análise cultural do falar de uma das cidades do sul do estado de Minas Gerais, Campo do Meio. Informações sobre topônimos, tradições orais e expressões idiomáticas foram coletadas entre os falantes do município a fim de demonstrar as peculiaridades linguísticas desse povo interiorano. Para isto, foi utilizado como referencial teórico a Semântica de Contextos e Cenários (SCC), concepção de semântica que toma como base a ideia de que uma língua natural é um sistema socializado e culturalmente determinado de representação de mundos e seus eventos. A pesquisa, realizada em etapas, culminou nos seguintes procedimentos: coleta de material bibliográfico, seleção de materiais, entrevistas e transcrição de dados e escrita final desta monografia. Com este trabalho, pretende-se consolidar possibilidades de estudos linguísticos de caráter cultural e resgatar um pouco da cultura de um povo, perdida dia após dia.

Palavras-chave: Semântica de Contextos e Cenários (SCC); Topônimos, Tradições orais; Expressões idiomáticas.

SUMÁRIO

1. Introdução	1
2. Revisão teórica	1
3. Metodologia e desenvolvimento da pesquisa	3
4. Apresentação de Resultados Obtidos	7
4.1 Toponímia 7	
4.1.1 <i>Campo do Meio: terra de gente e costumes simples</i> 7	
4.1.2 <i>Berra Lobo</i> 10	
4.2. Tradições orais: histórias que surgiram entre a população 14	
4.2.1 <i>“Poço Doce”</i>	14
4.2.2 <i>“Luz da Ipanema”</i>	16
4.2.3 <i>“Loira do banheiro da Elisa”</i>	19
4.3. Expressões idiomáticas e palavras que estão caindo em desuso	21
5. Considerações finais.....	27
6. Referências Bibliográficas.....	29

1. INTRODUÇÃO

A língua é um dos recursos mais importantes na constituição e na manutenção das sociedades humanas. É através dela que expressamos nossos pensamentos, ideias, opiniões, sentimentos. Ela é concebida de diferentes maneiras no meio social, o que caracteriza o seu caráter dinâmico. A língua é, em certo sentido, uma ferramenta que permite a interação entre os falantes de uma determinada comunidade. Porém, as mesmas relações sociais que ela ajuda a estabelecer demonstram como ela é instável e como varia nos seus mais diversos cenários de uso.

As construções lexicais e tradições orais, de modo geral, ligadas à história, numa dada comunidade de falantes, permanecem vivas através da interação comunicacional, ou seja, na efetivação das trocas de experiências através da língua falada (e, às vezes, escrita, pois nem todos os povos possuem uma forma de escrita), possibilitando a perpetuação de conhecimentos de geração a geração. Assim, os sujeitos da fala são também vistos como agentes sociais, pois é por meio de diálogos entre eles que ocorrem as trocas de experiências, efetivando a cultura local. Dessa forma, línguas também atuam como depósitos de cultura e de história. A tradição oral, como o próprio nome diz, está ligada à oralidade e, portanto, para conhecermos uma história específica de uma comunidade, muitas vezes não precisamos da escrita em si, mas sim da palavra falada, da língua em uso, pois é comum que muitas das histórias locais estejam preservadas apenas em sua forma oral. Assim, a memória é imprescindível para que esse resgate ocorra. Logo, a tradição oral acaba por preservar histórias, dados culturais, conhecimentos práticos e muitos outros que nunca foram registrados em meios de escrita.

No contexto atual, o trabalho com a história e tradições orais está cada vez mais relevante. Ele ganha espaço por ser altamente importante na valorização da cultura de povos até então “excluídos”.

A força da história oral, todos sabemos, é dar voz àqueles que normalmente não a têm: os esquecidos, os excluídos ou, retomando a bela expressão de um pioneiro da história oral, Nuno Revelli, os "derrotados". Que ela continue a fazê-lo amplamente, mostrando que cada indivíduo é autor da história. (FERREIRA, 2000, p. 33)

Como pontua a autora, cada indivíduo é responsável pela sua história. É, portanto, necessário ouvir a voz dos excluídos e dos esquecidos, trazer à luz as realidades "indescritíveis", quer dizer, aquelas que a escrita não consegue transmitir e testemunhar as situações de extremo abandono, valorizando a língua de cada um.

A presente pesquisa busca, através do levantamento de construções lexicais e tradições orais, resgatar, conhecer e também, descrever e tentar registrar adequadamente uma parte da cultura da população de Campo do Meio, cultura esta que, até então, está esquecida - ou presente apenas na memória dos idosos.

Com os avanços tecnológicos recentes, as relações humanas, que são estabelecidas tradicionalmente pelo contato pessoal, pela troca de experiências frente a frente, olho no olho, estão cada vez mais rarificadas. Por isso, Bauman afirma:

O advento da proximidade virtual torna as conexões humanas simultaneamente mais frequentes e mais banais, mais intensas e mais breves. As conexões tendem a ser demasiadamente breves e banais para poderem condensar-se em laços. (...) Os contatos exigem menos tempo e esforço para serem estabelecidos e também para serem rompidos. A distância não é obstáculo para se entrar em contato – mas entrar em contato não é obstáculo para se permanecer à parte. Os espasmos da proximidade virtual terminam idealmente, sem sobras nem sedimentos permanentes. Ela pode ser encerrada, real e metaforicamente, sem nada mais que o apertar de um botão (BAUMAN, 2004, p. 82)

As tecnologias do mundo globalizado contribuem demasiadamente para aceleração dos processos que eliminam os contatos de proximidade das pessoas. A internet é um meio essencial para deixar os cidadãos informados. Em especial, as redes sociais e os aplicativos de relacionamentos, embora sejam muito úteis para determinadas funções, são extremamente prejudiciais às relações de contato pessoal. Se os espaços virtuais dizimam essas relações, o trabalho com as tradições orais e construções lexicais tem papel fundamental na valorização dos fatos que permeiam a vida de uma determinada sociedade, de um determinado povo, realçando a riqueza da história dos indivíduos, dos aspectos culturais que diferenciam a cultura local.

Na maioria das vezes, as expressões idiomáticas e as tradições orais de uma determinada comunidade acabam sendo perdidas no decorrer do tempo, caindo em desuso. Portanto, o objetivo principal da pesquisa é o registro dessa herança cultural, demonstrando as

especificidades, com o intuito de contribuir com a preservação da cultura, especificamente, da cidade de Campo do Meio.

No decorrer deste trabalho, será recorrente o uso do termo “*velho*”, não no sentido pejorativo que a palavra pode assumir, mas no sentido de estar se referindo a sujeitos idosos, experientes, dotados de lembranças e memórias. E, por que essa opção? Porque “*velho*” é a palavra “*real*”, da cultura real de um povo real. Os velhos “são a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara, pois, como escrevera Benjamin, só perde o sentido aquilo que no presente não é percebido como visado pelo passado” (BOSI, 1999, p. 18).

Considerando todas as informações apresentadas, a presente pesquisa se presta à descrição das principais construções lexicais e tradições orais partilhadas entre a população residente de Campo do Meio, incluindo moradores da zona rural, que fazem parte da cultura da cidade e seus nativos, a fim de demonstrar como são atribuídos os sentidos dos dados abordados no cenário local.

Campo do Meio, no sul de Minas Gerais, é uma região marcada por tradições linguísticas muito peculiares, de um povo conhecido por sua simplicidade, típica de cidades interioranas. Porém, com o desenvolvimento econômico regional e as modificações linguísticas decorrentes de um maior contato com pessoas do restante do país, algumas dessas tradições orais e palavras e/ou expressões tradicionalmente usadas na região já se encontram em estado moribundo, sendo que apenas os moradores mais antigos conseguem interpretar e compreender as riquezas escondidas na linguagem nessa região. Apesar de alguns ainda conhecer um pouco das histórias do município, os cidadãos mais jovens já não reconhecem as tradições como os mais velhos. Eles não reconhecem as principais histórias contadas de geração a geração e as principais expressões frequentes no falar dos velhos.

O acelerado processo de perda de identidade linguística justifica a necessidade de estudos das tradições orais e do falar regional, permitindo, ao menos, o registro dos falares típicos e seu estudo por um viés cultural, baseado na Semântica de Contextos e Cenários. Tal estudo poderá servir como referência para que uma descrição histórico-cultural seja realizada em pormenor, a partir dos estudos linguísticos calcados em uma semântica cultural. Além do mais, viabiliza à comunidade a riqueza cultural da língua local.

Assim, temos nossa monografia dividida em cinco capítulos. Este primeiro é dedicado à introdução. No segundo, tratamos do referencial teórico que embasa o trabalho. No terceiro será apresentada toda a metodologia usada na pesquisa. No capítulo quatro, apresentaremos os

resultados obtidos, divididos em categorias: topônimos, tradições orais e expressões idiomáticas. No capítulo 5 teceremos as considerações finais.

2. REVISÃO TEÓRICA

A pesquisa que visa a abordar as construções lexicais e o registro de tradições orais na cidade de Campo do Meio e zona rural está fundamentada nas obras intituladas “Introdução à Semântica de Contextos e Cenários: de la langue à la vie” e “A pesquisa em Semântica de Contextos e Cenários: princípios e aspectos metodológicos”.

A Semântica de Contextos e Cenários (SCC) é uma ramificação linguística ainda pouco explorada no Brasil, que vem ganhando espaços nas últimas décadas quando se trata de estudos linguísticos. É uma concepção de semântica que toma como base a ideia de que uma língua natural é um sistema socializado e culturalmente determinado de representação de mundos e seus eventos. Essa semântica se insere no quadro das Semânticas Culturais, que são vertentes que “estudam a relação entre os sentidos atribuídos às palavras (e demais expressões) de uma língua e a cultura em que essa mesma língua está inserida” (FERRAREZI, 2018, p. 7). Ferrarezi conceitua a SCC da seguinte maneira:

A semântica é a subdivisão da Linguística que desenvolve seus estudos – das manifestações linguísticas do significado, ou seja, dos sentidos – tomando como base a seguinte concepção geral: uma língua natural é um sistema de representação dos mundos e de seus eventos. Para poder fazer isso, uma língua usa sinais cujos sentidos são especializados em um contexto, sendo que este só tem sentido especializado em um cenário. Assim, toda manifestação linguística faz parte de um sistema aberto e, por, em sua realização plena, estar associada a um sentido, revela uma cultura, que se inter-relaciona com um pensamento que a gera e com um sistema linguístico que a representa. (2010, p. 138)

Segundo a SCC, nenhuma palavra tem sentido próprio, fixo. Não existem, na realidade da língua, listas prontas de palavras com seus sentidos fixos. O máximo que podemos ter, são palavras com sentidos costumeiros, ou seja, usados com determinada frequência no dia a dia. Há palavras que estão tão presentes no nosso vocabulário, que sempre associamos elas a um sentido habitual. Sendo assim, uma mesma palavra poderá desempenhar funções distintas a depender do contexto e do cenário no qual esteja inserida, por exemplo, numa determinada oração ela poderá ser verbo, noutra ela poderá ser um substantivo. A especialização do sentido de qualquer palavra (em SCC, chamada de sinal-palavra) depende de um contexto

(aspectos linguísticos) e um cenário (aspectos extralinguísticos que constituem a visão de mundo do falante).

Especialização de sentido é a definição exata do sentido (e do sentido_i) associado a um sinal-palavra em uso. Ou seja: um sinal-palavra x , em um contexto y e um cenário w , devidamente identificados e definidos, estará associado a um e apenas um sentido s e, portanto, servirá para representar uma e apenas uma visão de referência v , e não outra, em um mundo m . (FERRAREZI, 2010, p. 113)

Portanto, uma língua só existe verdadeiramente se houver falantes que fazem uso dela. Línguas “mortas” não são mais, *stricto sensu*, línguas, mas apenas registros de línguas outrora existentes. Como nos lembra o contemporâneo Marcos Bagno: “existe uma regra de ouro da Linguística que diz: “só existe língua se houver seres humanos que a falem” (1999, p. 09).

Isso desconstrói a ideia, perpetuada por muito tempo, de que os falantes devem se apropriar das regras da língua. As gramáticas normativas elaboram várias listas fechadas, várias regras de uso da forma correta de usar o português, mas nunca consideram a cultura dos falantes, as especificidades de cada comunidade. O que deve ocorrer é o contrário, ou seja, a língua deve atender às nossas necessidades de comunicação. Claro que a norma culta da língua tem importância nas nossas relações sociais, porém não deve ser vista como única, sagrada e inquestionável. Uma língua sempre deve ser vista como um sistema aberto, pois é indissociável da cultura. “A língua é formatada pela cultura na medida em que a cultura exige da língua formas de expressão adequadas em todas as situações imagináveis” (FERRAREZI, 2018 p. 14).

3. METODOLOGIA E DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Este trabalho surge como parte integrante de um projeto maior, a “Construção do Dicionário Sul-Mineiro de Expressões Idiomáticas”, devidamente aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da UNIFAL-MG (CAAE-4267015.0000-5142) e, o qual, posteriormente, se transformou em um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

A cidade escolhida para a pesquisa foi Campo do Meio, situada no sul do estado de Minas Gerais. O conhecimento em relação à cidade e a convivência do pesquisador, que é cidadão nato do município, com a população em geral, foram fundamentais na escolha do campo da pesquisa. Além do mais, a riqueza cultural da cidade e suas peculiaridades foram determinantes no processo. Sendo uma cidade interiorana, de pequeno porte, concentra-se um número expressivo de velhos residentes, que compartilham de experiências semelhantes. Por se tratar de um município tranquilo, de baixos níveis de violência comparado a grandes centros urbanos, muitos optam por ‘curtir a aposentadoria’ ou por “aproveitar o resto da vida” na calmaria da pacata Campo do Meio.

Além dos livros específicos que abordam a teoria da Semântica de Contextos e Cenários, outros trabalhos embasaram esta pesquisa em outras áreas abordadas. Dentre eles, destacamos uma dissertação de mestrado e alguns artigos publicados a partir do início dos estudos na área da SCC. O livro *Campo do Meio: memórias, identidades e heranças da terra* tem grande importância nesta pesquisa por trazer informações políticas, históricas, linguísticas, culturais e econômicas do município mineiro. Outra obra de grande relevância que dá suporte à pesquisa é “*Memória e Sociedade – Lembranças de Velhos*”, da autora Ecléa Bosi. É uma obra excepcional, na qual os velhos, através do relato de vida pessoal, contam aspectos da vida da cidade de São Paulo. A obra serve como base por ser um trabalho que dá voz aos velhos, que relatam suas experiências de vida, igualmente realizado na cidade de Campo do Meio/MG.

Trabalhando as expressões idiomáticas, os topônimos e as tradições orais, de forma sistemática e fiel, os velhos, que até então se enxergavam como seres inúteis e improdutos, desprovidos de participação funcional na comunidade em geral, ganham voz e espaço na exaltação da cultura local. Esse problema de não reconhecimento ocorre porque é notório como o capitalismo e o industrialismo descartam a velhice, ou seja, “a sociedade rejeita o velho, não oferece nenhuma sobrevivência à sua obra. Perdendo a força de trabalho, ele já não

é produtor nem reproduzidor” (BOSI, 1999, p. 77). É importante salientar que os velhos sentem a necessidade de testemunhar suas lembranças guardadas na memória.

O velho acaba não tendo mais serventia nos diversos setores do mundo globalizado. Eles perdem seus espaços nos distintos círculos sociais, inclusive no próprio mercado de trabalho, que exige maior rapidez nas produções em massa. “A racionalização, que exige cadências cada vez mais rápidas, elimina das indústrias os velhos operários” (BOSI, 1999, p. 78). As histórias orais ganham espaço no mundo das narrativas, pois a lembrança será sempre a sobrevivência do passado. Promover um estudo que resgate tais memórias e tradições, esquecidas ao longo do tempo, faz com que permaneça viva a cultura de seu povo. Dar voz a quem tem muito o que contar, faz com que tenhamos a perpetuação de conhecimentos que só a memória é capaz de conservar, pois, “a arte da narração não está confinada nos livros, seu viés épico é oral” (BOSI, 1999, p. 85).

Assim, no desenvolvimento do trabalho de pesquisa, alguns procedimentos fundamentais foram devidamente seguidos até a construção do presente trabalho:

a. exploração e estudos de fontes bibliográficas referente à SCC e ao município de Campo do Meio;

b. seleção e compilação dos referenciais teóricos usados no trabalho: teoria que embasa a pesquisa e fontes que abordam as questões políticas, econômicas, históricas, culturais e geográficas do município;

c. coleta de dados, viabilizada de duas formas:

1º dados orais: coletados através de entrevistas formais com os velhos e dados informais compartilhados entre a população;

2º: escritos: dados coletados em fontes escritas e digitais: livro de patrimônio cultural do município, site da prefeitura, jornais antigos que circularam na cidade, documentos oficiais da paróquia e da prefeitura municipal etc.

d. descrição dos dados coletados de maior relevância, incluindo história orais, topônimos e expressões idiomáticas;

e. análise dos dados coletados levando em consideração o depoimento dos entrevistados, as fontes escritas e os objetivos da pesquisa;

f. escrita final desta monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

O levantamento de dados, ou seja, o registro de tradições orais e construções lexicais (topônimos e expressões idiomáticas) se deu através de entrevistas formais e informais (conversas entre amigos e conhecidos). Conversas espontâneas também permearam o processo de coleta de dados, por se tratar de uma comunidade de poucos habitantes, permitindo um contato mais próximo entre si.

Todos os entrevistados foram muito receptivos e acolhedores. As conversas foram regadas a muito café e quitutes. Muitos cortejavam de forma surpreendente no momento da pesquisa. Era comum ser convidado para um cafezinho: *“vou fazer uma merenda para nós”*, *“vou passar um cafezinho”*. Nas primeiras entrevistas, os velhos queriam a todo custo saber a qual família o entrevistador pertencia. Eram muito recorrentes perguntas do tipo: *“Você é filho de quem? De qual família você é?”*. Quando eu dizia a qual família pertencia, as respostas dos velhos eram sempre as mesmas: *“Conheço muito seu avô, ele trabalhou muito tempo na igreja”*, *“Seus avós são muito meus amigos”*, *“Casal exemplo de família eles”*.

A necessidade de saber a origem do entrevistador é mais do que um mero costume local. É uma forma de garantir a segurança e a fidelidade do que vai ser dito. Como em muitas cidades interioranas do Brasil, é comum que os velhos sejam objeto de explorações diversas, desde golpes da Previdência Social até a exploração política que demanda deles alguma influência familiar sobre os votos dos parentes. Embora pensemos que a vida desses velhos interioranos é desprovida de tensões sociais, certamente não é. Por isso, a identificação do autor e de sua origem acaba sendo uma forma de garantir que não estarão caindo em outro “golpe”.

Vencida a barreira do primeiro contato, de imediato, era comum que o entrevistador usasse os termos “senhor/senhora” para se referir aos idosos; porém, a maioria dispensava o uso. Era recorrente ouvir deles: *“O Senhor está no céu”*. *“Me chame de você”*. Essas conversas iniciais, antes das entrevistas, estreitavam os laços e davam mais confiança a quem iria narrar as histórias. De certa forma, também dava maior credibilidade à pesquisa. Os velhos sentiam-se seguros em falar tudo o que a memória recordava. Alguns filhos e netos presenciavam as conversas, mas outros preferiam deixar o pesquisador e os velhos a sós. Era muito recorrente ouvir coisas do tipo: *“Vou deixar vocês sozinhos, não quero atrapalhar em nada”*. Alguns entrevistados preferiam a presença dos familiares, alegando que eles ajudariam

nas recordações, e outros já preferiam ficar a sós, fazendo questão de reforçar que estão bem lúcidos e se sentem capazes de contar tudo.

O recurso mais utilizado foi o gravador de áudio, a fim de, posteriormente, transcrever o mais fielmente possível os relatos da narrativa. Vale ressaltar que a escrita nunca será capaz de registrar totalmente o que foi exposto na oralidade, isto porque, ela desconsidera vários fatores primordiais do ato comunicativo como a entonação, os gestos e expressões do informante, as emoções e os sentimentos, o próprio silêncio, a articulação etc. Sendo assim, os relatos transcritos não evidenciam cem por cento o que foi dialogado entre o entrevistador e o narrador. Outro ponto a destacar é de natureza ética: todas as transcrições que serão abordadas neste artigo estão autorizadas pelos velhos ouvidos e familiares que presenciaram as entrevistas. Além do mais, as transcrições aqui abordadas, não serão alteradas se estiverem em desacordo com a norma culta da língua, por exemplo, se a pronúncia dos velhos não estiver em acordo com a grafia da norma padrão da língua brasileira, se as concordâncias verbais não estiverem “corretas” etc. Portanto, os áudios estão transcritos como o texto original foi pronunciado pelos velhos, utilizando-se uma forma de aproximação ortográfica, muito mais acessível ao leitor padrão do que seria se tivéssemos feito uma transcrição fonética pelo IPA (International Phonetic Alphabet).

Os velhos entrevistados tinham idade superior a sessenta anos e, de preferência, pessoas que nasceram ou viveram desde a infância no município, incluindo a zona rural. Um informante, atualmente, reside no estado de São Paulo, mas por ter morado mais de cinquenta anos na cidade, foi de fundamental importância para a pesquisa. Entretanto, além de toda a riqueza de tradições e construções lexicais, o presente trabalho abordará uma tradição oral específica, que surgiu numa escola municipal local. Por isso, dois informantes mais novos foram consultados por se tratar de ex-alunos com idade por volta dos trinta anos. Ao todo, foram ouvidas, aproximadamente, dezoito pessoas.

Finalmente, é importante ressaltar que a preocupação da pesquisa não é a de apresentar a “veracidade” histórica das narrações aqui apresentadas. O objetivo não é promover uma classificação em fatos imaginários ou fatos reais, mas sim demonstrar como a população partilha de forma significativa desse acervo cultural popular, permanente na memória dos velhos e até mesmo dos mais jovens.

4. APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS OBTIDOS

A partir de agora, apresentaremos alguns dos dados obtidos, especialmente aqueles que consideramos mais relevantes. Essa apresentação seguirá a seguinte ordem: topônimos, tradições orais e expressões idiomáticas. Para cada dado apresentaremos a acepção local de sentido e uso e as motivações que determinaram as atribuições de sentidos.

4.1 TOPONÍMIA

O termo toponímia é proveniente da Grécia e significa, literalmente, nome de um lugar. “Entenda-se por topônimo o nome dado a determinado lugar, seja acidente físico (rio, córrego, serra etc.) ou humano (povoado, rua, capela etc.).” (DICK apud CARVALHO, p. 1). Assim, os nomes de qualquer localidade natural, cidade ou comunidade são conhecidos como topônimos.

“Segundo Dick (1990, p. 19), a toponímia é o estudo da motivação dos topônimos, nomes próprios de lugares, isto é, de enunciados linguísticos formados por um universo transparente significante que reflete aspectos culturais de um núcleo humano existente ou preexistente. É, pois, segundo a autora “um imenso complexo linguocultural, em que dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e, não, exclusivamente” (apud CARVALHO, 2012, p. 2)

Nos subtítulos 4.1.1 e 4.1.2 serão abordadas quais as motivações que levaram à escolha do nome de Campo do Meio e de um dos bairros, popularmente conhecido como “Berra Lobo”. Os topônimos não são escolhidos por acaso, pois há sempre questões políticas, sociais e culturais que interferem no processo de atribuição dos nomes.

4.1.1 CAMPO DO MEIO: TERRA DE GENTE E COSTUMES SIMPLES

Campo do Meio é um município localizado no sul do estado de Minas Gerais. Tem uma população estimada em quase treze mil habitantes, incluídas as zonas urbana e rural. É um dos 34 municípios banhados pelo Lago de Furnas conhecido, popularmente, como “Mar

de Minas”. Esse nome popular é atribuído pelo fato do estado de Minas Gerais não ser banhado por nenhum mar ou oceano.

O município é forte na produção de café e leite, tendo maior parte da sua economia girando em torno da agricultura. O mercado de soja, milho e feijão também ganha destaque, pois, na cidade, concentra-se grande quantidade de agricultores familiares. Recentemente, o mercado da confecção de capas para automóveis tornou-se muito explorado no município, devido à falta de oportunidades de emprego. Isso decorre em função da mecanização da produção agrícola. Por exemplo, em uma plantação de café em que trabalhavam 100 colhedores manuais, hoje se emprega uma máquina para o mesmo serviço. Assim, o êxodo rural teve relevante aumento na última década, o que obrigou as pessoas a pensarem em outras alternativas de sobrevivência.

Cidade típica da região, Campo do Meio é uma terra de gente e costumes simples. Muitas tradições são conservadas até hoje como, por exemplo, os carroceiros que transportam o leite da zona rural até a cidade.

Por ser tratar de um município de extensão territorial pequena, a entrega de leite, em boa parte, ainda é feita por carroças, coisa típica de cidades antigas de interior. Interessante ressaltar é que, mesmo com a oferta de leite e seus derivados nos comércios locais da cidade, muitas pessoas, principalmente, os mais velhos, preferem ainda o sistema tradicional: adquirir a mercadoria diretamente da fonte de origem. Além dessa tradição, muitas outras ainda permanecem vivas, como a festa da padroeira¹. Isso demonstra como muitos ainda mantêm algumas das tradições.

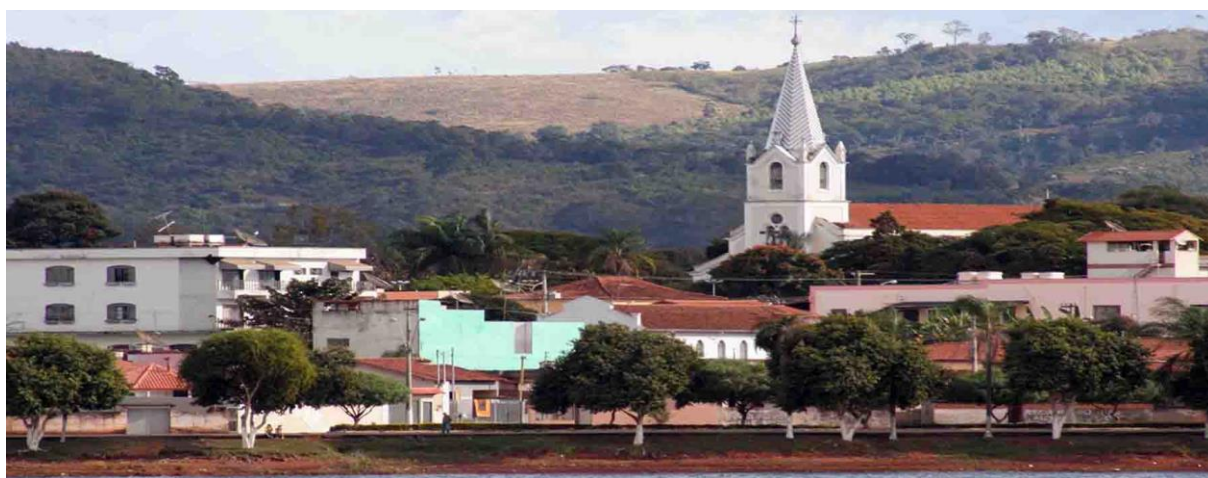


Figura 1: Imagem da cidade de Campo do Meio e da Igreja Matriz. (Disponível no site da Prefeitura Municipal: <http://www.campodomeio.mg.gov.br>)

¹ Nossa Senhora Aparecida é a padroeira de Campo do Meio. A tradicional Festa da Padroeira é comemorada no dia 15 de agosto.

Politicamente, em 7 de setembro de 1923, Campo do Meio foi elevado a distrito do Município de Campos Gerais, donde foi desmembrado e elevado a Município em 27 de dezembro de 1948.

De acordo com o site oficial da Prefeitura Municipal de Campo do Meio, o topônimo teve sua origem no fato de haver vários campos com nomes diversos que circundam a região de Campo do Meio: Campos Gerais (cidade vizinha), Campo da Flores (zona rural), Campo Redondo (zona rural) e Campo Alegre (zona rural). O nome foi dado devido à sua posição central em relação aos demais que já existiam antes do município. Portanto, a motivação para a parte final do nome é de caráter geográfico.

A respeito do topônimo, os informantes relatam:

Relato Informante 1:

“Primeiro construiu a igreja central². Eu era um bebê de colo, nasci quase junto com a paróquia. Alguns anos depois o povoado (...) antes era povoado, né. Daí começou a crescer, até virar a cidade (..) o nome é por causa de Campos Gerais que comandava nós. Tudo fazia era lá, depois que passou a ser feito aqui”.

O informante evidencia o fato de que nasceu antes da emancipação política do município. Ressalta que vivenciou toda a construção e crescimento da cidade e como Campos Gerais, município vizinho, influenciou neste processo.

Relato Informante 2:

“A cidade tem esse nome por causa de Campos Gerais e os Campo das Flor. Ah, tem o Campo Redondo também. É campo para todo o lado (risos), por isso ficou esse nome”.

Campos Gerais, durante décadas, foi o município que mais exerceu influências sobre Campo do Meio enquanto povoado sem emancipação política, seja no ramo comercial, na

² Igreja Nossa Senhora de Aparecida, a matriz de Campo do Meio/MG. A igreja terminou de ser construída no ano de 1938, antecedendo a emancipação política da cidade em dez anos, aproximadamente.

saúde ou no ramo educacional. Atualmente, o município de Alfenas, por oferecer mais recursos, é que domina a maior parte da demanda da população campo-meense³, principalmente na área de educação e saúde.

Relato Informante 3:

“Campo do Meio era só um pequenininho povoado, tinha poucas casas, nem era cidade ainda, tudo era feito em Campos Gerais. Quando precisava de médico, quem tinha condição, ia pra lá”.

Ao mencionar quem tinha condições, o informante refere-se a quem tinha recursos financeiros para deslocar-se até o município vizinho. Por se tratar de uma cidade centenária, Campos Gerais, por muito tempo, exerceu influência sobre Campo do Meio, desde o pequeno povoado até a emancipação política do município. De certa forma, exerce até hoje, como, a dependência que temos do fórum de Campos Gerais, da Caixa Econômica Federal, do INSS e de vários outros órgãos públicos e privados.

Assim, podemos entender que “Meio” se refere estritamente à questão geográfica do topônimo. Mas, o que significa a palavra “Campo” nos nomes em todos os topônimos que citamos aqui? “Campo” pode ser uma denominação dada a um terreno plano, extenso, com poucos acidentes e poucas árvores. Em geral, as cidades têm muitas dessas características apresentadas, podendo ser uma motivação para o nome de Campo do Meio e Campos Gerais. Também, “Campo” está ligado à zona rural, pastagens, cerrado etc., fazendo jus aos nomes Campo Alegre, Campo Redondo e Campo das Flores, que são comunidades rurais vizinhas. Quando pensamos em municípios interioranos, é muito característico esse tipo de vegetação.

4.1.2 BERRA LOBO⁴

Campo do Meio tem um conjunto de bairros denominados São José I, São José II, São José III e por último o bairro Das Mães. Por se tratar de bairros interligados, em questões políticas, econômicas e religiosas, são chamados, em geral, de Bairro São José. Contudo, a

³ Quem nasce em Campo do Meio é um cidadão campo-meense.

⁴ Vídeo que mostra um lobo-guará uivando, por isso o uso da palavra “berra” (do verbo berrar). Link disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=rZAFNJFeeLU>

identificação dos bairros é feita de forma separada (por exemplo, pelas agências dos Correios). Tradicionalmente, são conhecidos como Berra-Lobo, mas a identificação oficial não se dá por este nome popular, ou seja, é um nome usado com maior frequência pelos moradores ou por pessoas que já viveram e/ou conheçam o local, e não oficialmente pelas autoridades.

A respeito do topônimo “berra-lobo” os informantes relatam:

Relato Informante 4:

“ali, lá ia descenu um lobo lá pá (...) po mato, aí eu falei para o rapaz assim ó, vai pegar o nome. Por quê? Porque ele passou assim correndo e foi batata. Pegou o nome mesmo, aparecia muitos lobos na beirada dos canavial”.

Segundo o informante, o nome popular dos bairros está atrelado às aparições de lobos durante o surgimento dos primeiros loteamentos. O informante exercia a função de pedreiro nas obras da prefeitura. O Berra-Lobo faz divisa com várias comunidades rurais, portanto, faz divisa com as matas também.

Relato Informante 5:

“eles tavam fazendu carçamento, era terra antigamente, né. Mais tarde, cê ia no campo de viação, aí cê via aquele tanto de lobo passar (...) os lobo urrava lá na serra lá e descia embaixo pro lado do campo de aviação (...) não sei se você viu já lá, tinha muito canavial, eles desciam a noite pelo canavial”.

O entrevistado diz que o nome popular se dá pelas aparições de vários lobos no início da construção dos bairros, abertura dos primeiros lotes e calçamentos. O campo de aviação da cidade, com a pista ainda de terra, fica próximo ao Berra-Lobo. A região é também rodeada por serras e vegetações em geral. Ao mencionar o canavial, deve-se ao fato de que, no

município de Campo do Meio, havia a presença da antiga Usina⁵ que produzia açúcar e álcool, que, há duas décadas, aproximadamente, movimentava toda a economia local. Portanto, como a empresa detinha boa parte das terras, os canaviais circundavam todo o município.

Muitos estereótipos marcam o bairro. Há certos preconceitos reforçados, principalmente, por moradores dos bairros centrais, em relação a tudo que envolve a comunidade “Berra-Lobo”. Mesmo assim, os moradores fazem questão de defender o local, tentando, ao menos, desconstruir os estereótipos reforçados pela própria população. A respeito disso, um informante relata:

Relato Informante 6:

“Berra Lobo é um lugar muito bom para morar, o povo fala mal, não gosta, eu não sei o porquê as pessoa fala isso de nós, mas a gente vive bem, eu gosto muito dos meus vizinhos, a gente dá muito bem. As pessoa tem que pôr na cabeça que faz parte da cidade, eu gosto de morar aqui, cresci nessas ruas que era só terra, desde quando começou construir. Olha só como está hoje, antigamente não era assim não, tudo calçadinho”.

Os bairros que levam o nome popular “Berra Lobo” são afastados do centro do município, situados nas extremidades da cidade, mais próximos do campo, da zona rural. Sendo assim, os estereótipos são marcados fortemente, por se tratar de uma comunidade distante, menos privilegiada, devido à localização. Sendo assim, é mais difícil o acesso aos principais comércios e estabelecimentos como farmácias, mercados, hospital etc. Alguns mitos a respeito do topônimo são contados também. Muitos falam que um morador do bairro vira lobisomem à noite. Porém, como constado pelos relatos dos informantes, por unanimidade, os velhos dizem que a origem do topônimo se deu de fato pelas aparições dos lobos-guarás nas proximidades do bairro quando ainda se encontrava em construção.

⁵ Atualmente, a usina não exerce mais suas atividades econômicas. Ela era muito importante para a economia da cidade, pois gerava, aproximadamente, seiscentos empregos, chegando até, em épocas de safra alta, a mil empregos. A empresa decretou falência total no ano de 1998.



Figura 2: Imagem da cidade de Campo do Meio banhada pelo Lago de Furnas. Na parte superior da foto temos o bairro “Berra-Lobo” e na parte inferior temos o bairro “Vila Nova”⁶, enquanto no centro da imagem, concentram-se os bairros centrais. (Disponível em: <https://www.google.com/search?q=imagens+de+campo+do+meio+mg&tbm=isch&tbo=u&source=u&niv&sa=X&ved=2ahUKEwizr5bLj8zdAhVJGZAKHQcSCAgQsAR6BAgAEAE&biw=1536&bih=720>)

Como se pode ver, a toponímia não apenas marca a localização de um lugar, mas marca questões de ordem ideológica. Afirmar que alguém mora no lugar “onde o lobo berra” é uma forma de dizer que alguém mora em um lugar distante do centro da cidade e da civilização, no mato, um lugar de interioranos “caipiras”, que convivem com os lobos-guarás e que - quem sabe? - podem até virar lobisomens! Essa forma de toponímia estigmatiza o lugar e os moradores. Ademais, é incrivelmente interessante em se tratando de uma cidade de doze mil habitantes que é toda interiorana e em que não há grandes centros comerciais, centros bancários, industriais ou empresariais, mas, em que, mesmo assim, há espaço para marcações ideológicas de território. Usando a própria linguagem local, poderíamos perguntar sem preconceito algum: “Onde, em Campo do Meio, não é um lugar “Berra Lobo”?” Certamente, em nenhum lugar, pois toda a cidade é pequena, simples e interiorana. Porém, seus moradores não a enxergam assim. Como explica a Semântica de Contextos e Cenários, é da visão de mundo dos falantes que nascem suas representações linguísticas. E a visão de

⁶ O Vila Nova recebe esse nome por ser o último bairro a ser construído na cidade. Como o Berra-Lobo, é um bairro afastado do centro do município, estando bem próximo às matas, às vegetações naturais.

mundo dos falantes não expressa a realidade tal como ela é, mas é sempre ideologicamente marcada e totalmente permeada por nossos filtros sensoriais e culturais. Não há como ser de forma diferente.

4.2. TRADIÇÕES ORAIS: HISTÓRIAS QUE SURGIRAM ENTRE A POPULAÇÃO

Cada cultura tem sua riqueza específica, enaltecida, na maioria das vezes, pelos mais velhos, que sentem orgulho de fazer parte dela. Muitas histórias foram ouvidas, umas com maior frequência, outras não tanto, por estarem esquecidas na memória das pessoas, inclusive dos velhos. Alguns informantes insistiam em dar veracidade às tradições, alegando que já presenciaram os ocorridos, outros apenas contavam, sem preocupar-se em dizer se realmente aconteceu ou não. Mas, como já mencionado, este trabalho não tem como objetivo questionar se as histórias orais são verídicas ou não. Sendo assim, serão apresentadas as principais histórias compartilhadas entre os indivíduos, ou seja, as que mais fazem parte da tradição do município e por isso foram as mais repetidas em todas as entrevistas e conversas informais.

4.2.1 “Poço Doce”

A história do *Poço Doce* tem forte relação com a represa de Furnas que banha o município mineiro foco deste estudo. Na época da estiagem, o nível da represa abaixa consideravelmente. Com isso, surgem ruínas antigas, poços, destroços, antigas trilhas, rotas etc., que foram inundados pelas águas. Segundo as histórias narradas pela população, e confirmadas pelos entrevistados, o Poço Doce realmente existe. No período da seca, quando o nível da represa abaixa, ele aparece. Antes da construção da hidrelétrica de Furnas, as pessoas usufruíam do poço para saciar a sede dos animais, pois situava-se num ponto estratégico, numa rota, onde a travessia era muito comum, permitindo o acesso das zonas rurais mais populosas até a cidade e vice-versa. Devemos lembrar que, antigamente, o acesso não era tão fácil como nos dias atuais. As estradas eram escassas, devido à falta de tecnologias para as construções. Segundo os velhos, o Poço Doce recebeu este nome por causa de um cavalo cargueiro que caiu lá dentro. Os velhos dizem que os antigos contam que o animal era cargueiro de rapaduras e chegou às margens do poço para beber água, consequentemente,

acabou perdendo o equilíbrio e caindo dentro do buraco. Ainda contam que o cavalo nunca mais foi visto, devido à profundidade, o que se tornou um mistério entre as gerações.

Relato Informante 7:

“os mais velho fala que é um suspiro do mar, ele não tem fundo, não sei se é verdade, os outro que conta, conta, os antigo. Um cavalo caiu lá quando foi beber água, tava carregando rapadura (...) o poço existe mesmo, mas eu não sei se é verdade do cavalo, mas tem esse nome”.

Relato Informante 8:

“uma vez, meu pai dizia, que uns homem amarrou sete laço de corda e amarrou uma pedra na ponta para achar o fundo do poço e não conseguiu achar o fundo (...) os remendu tinha uns 70 metro, cê imagina, pensa num poço fundo, tá doido, fundo di mais, memo assim ele era bem estreito”.

Relato Informante 9:

“meu pai falava muito desse poço, os animais que a gente tinha na roça bebia água lá. Toda vez que a gente levava os animal do Espraiado⁷ até o Amargoso⁸, a gente passava no poço para eles bebe água lá”.

Tradições orais são, comumente, entremeadas de aspectos místicos e fantasiosos. A ideia de que, no interior de Minas Gerais, existe um poço sem fundo que é um suspiro do mar é realmente inacreditável. Além disso, a ideia de que as águas do poço (originalmente salgadas, se são um suspiro do mar) foram “adoçadas” com rapadura, acrescenta ao fato um caráter fantasioso e, sem dúvida, com um tom humorístico. É uma tradição oral digna de

⁷ O Espraiado era um povoado rural que existia antigamente, antes da chegada de Furnas. Não existe mais, pois foi inundado pelas águas.

⁸ O Amargoso é uma comunidade rural do município e ainda existe. É um povoado onde residem, aproximadamente, quarenta famílias.

pertencer aos mais belos romances ficcionais e que, certamente, não deveria se perder no esquecimento.

4.2.2 “Luz da Ipanema”

A *Luz da Ipanema* é uma das tradições orais mais conhecidas de Campo do Meio. É muito difícil encontrar alguém que nunca, ao menos, tenha ouvido a famosa história da luz que aparecia às pessoas. O nome surgiu, segundo os velhos, quando uma luz de tamanho pequeno começou a aparecer nos arredores da fazenda Campo Verde. A atual fazenda foi vendida no final do século XX. Antigamente, era propriedade do grupo denominado Ipanema, grande produtor de café do Sul de Minas Gerais. Por isso, o nome se popularizou como “*Luz da Ipanema*”, devido às aparições que começaram antes da venda da propriedade. São muitas as pessoas que contam que já se depararam com a famosa luz. Ela só era vista por pessoas que moravam nas dependências da fazenda ou pelos funcionários que realizavam o trabalho no tempo noturno, principalmente, no período da colheita de café. Muitas pessoas que passavam pela propriedade, mesmo sem ter relação empregatícia, afirmam que já se depararam com a luz. A fazenda está localizada numa rota na qual há grande fluxo de pessoas. Está entre a travessia da cidade de Campo do Meio a Itaci⁹, o qual pertence ao município de Carmo do Rio Claro, também banhado pelas águas de Furnas.

Relato Informante 10:

“ela vinha, quando ela chega perto de você ela some. Então, muitas vezes eu ia levar comida para meu ex-marido na balança e nós via ela. E ela vinha, ela sai do rumo da balsa ali, onde é a balsa, ela vem pela água afora e vem, vem, hora que chega perto da gente ela some. Ela sumia. Um dia, eu morava no Sumaré¹⁰, tinha uma janela, era de vidro, na pia da cozinha, meu filho era pequeno, aí ele falou assim: mãe, uma luz aí no vitrô, e ela estava lá, ela subia e descia, subia e descia no

⁹ Povoado rural com aproximadamente quatrocentos habitantes. Está localizado entre os municípios de Campo do Meio e Carmo do Rio Claro.

¹⁰ Sumaré é o nome atribuído a um pequeno rancho dentro da propriedade da fazenda Campo Verde. Lá residiam duas famílias. Ambas afirmaram que já presenciaram a luz.

vitro, aí eu peguei e fechei o vidro e ela continuou, depois sumiu. A gente não tinha medo dela, sabe? Você não conseguia ter medo”.

Relato Informante 11:

“ela é de verdade mesmo, num é mentira não. Eu vi ela muitas vezes, eu e minha sogra sempre via. Ela aparecia no escurecer, hora que tá dando o ar de escuro ela começa andar. Só a noite. Meu pai também viu ela. Ele foi dormir lá em casa uma vez e eu falava da luz, ele não acreditava. Aí ele levantou um dia, deu vontade de levantar, ele abriu a porta da cozinha e ela tava no pé da mangueira assim, encostada no pé da mangueira”.

Relato Informante 12:

“é uma luz amarela e azul, ela é amarelinha no meio tipo, azul nas beiradas. E sobe e desce. Ela não chega no chão. Ela some antes de chegar no chão. Ela é pequena, quer ver, do tamanho da boca de um copo normal. É pequena, mas ela lumia muito. Sempre aparecia na noite e sempre quando chega ela vem pertinho da gente, mas quando ela chega perto da gente ela some. E não faz nada com ninguém, não causa medo. Eu não tinha medo dela, nunca tive. Eu tinha acostumado a viver com ela. A gente acostumou, sabe? É uma coisa tão bonita que não te dá medo. Ela é real, mas eu não sei te explicar o que ela é. Eu vi muitas vezes, até minhas crianças viu. Não posso te explicar o que significa essa luz, mas que ela existe ela existe”.

Relato Informante 13:

“muitos tratorista viu, você pode perguntar, só que muitos tinham medo, eu acostumei. Os outros sempre cruzava com ela nas estradas. Ela nunca chegava pertinho, uns dois metros acabava. Ela sumia duma vez. Nós saía de noite e não estava nem aí com ela, nós acostumou.

Sempre quando armava chuva também, ou quando o tempo estava escuro, ela sempre estava por perto. Eu tenho impressão que é do bem, por isso ela nunca fez mal pra ninguém. Ela é do bem, né? “

Todos os entrevistados sobre as possíveis versões da famosa “*Luz da Ipanema*” dizem que realmente já a presenciaram. Afirmam categoricamente que já se depararam com ela sempre à noite. Em todos os relatos, é evidenciado o fato de que a luz, quando muito próxima, desaparecia. Não era possível vê-la de muito perto. Além do mais, apesar do tamanho pequeno, segundo os informantes, a claridade dela era muito forte, ou seja, por onde ela passava, tudo era iluminado.

Luzes desse tipo são comuns nas tradições orais do Sul de Minas. Inclusive, a cidade de Luminárias tem este nome por causa de luzes que apareciam nas montanhas. Normalmente, essas luzes são lendas locais de controle, lendas que delimitam locais, horários e condições permitidas e não permitidas de acesso. Elas são vistas com medo e como forma de expressão de forças sobrenaturais. Em Campo do Meio, porém, a *Luz de Ipanema* aparece com um caráter muito diferente. Os informantes atestam não ter medo dela, alegando ser um tipo de fenômeno de que alguém não “conseguia ter medo”. Isso é muito peculiar, pois retira de uma tradicional lenda de controle seu caráter mais próprio de controle.

Pelos relatos, essa luz era vista como um tipo de força do bem. Quem sabe, um lenitivo para os trabalhadores rurais que atuavam nos horários noturnos, para os viajantes das estradas solitárias, para aqueles que eram obrigados na labuta noturna do café. Não é difícil tecer relações religiosas com outras aparições comuns e luminosas consideradas como manifestações da Virgem Maria ou do Espírito Santo ocorrentes em vários lugares do Sul de Minas, estado brasileiro reconhecidamente religioso. Nesses casos de aparição de luzes identificadas com a Virgem ou com o Espírito Santo, os relatos são sempre de uma atuação benéfica e lenitiva. Mas, essa é uma aproximação que fazemos pelo conhecimento do entorno das ocorrências de Campo do Meio, não uma afirmação categórica. O que concluir disso tudo? Que nos resta apenas a pergunta do Informante 13: “Ela é do bem, né?”

4.2.3 “Loira do banheiro da Elisa”

Outra tradição oral muito conhecida na cidade é sobre a suposta mulher loira que aparece nos banheiros de uma escola municipal que oferta o primeiro ciclo do ensino fundamental (1º ao 5º ano). A história é contada por alunos e funcionários, passada de geração a geração. A instituição recebe o nome de Escola Municipal Elisa Rabelo de Mesquita, fazendo jus ao nome “loira do banheiro da Elisa”.

Relato Informante 14:

“as crianças pedia pra ir no banheiro, eles sempre via uma menina dentro do banheiro e várias pessoas já viu, até as, as próprias serviçais viu, e eles fala que, que ela é uma antiga aluna da escola e ela não aparecia só à noite não, durante as aulas mesmo, de dia, a pessoa via, até porque lá não tinha aula noturno. Eles acreditam então que é uma ex-aluna, que estudou no Elisa Rabelo”.

Relato Informante 15:

“a questão física dela de roupa, eu já ouvi várias coisas, já ouvi que era uma criança, tamanho pequeno, já ouvi histórias que era uma moça e também é, de várias formas que ela aparecia, por exemplo, já vi falar com roupa branca, mas não conseguia ver a cara, é, falam também que ela ficava num canto do banheiro quietinha, a pessoa entrava, e de branco com a cabeça abaixada, ninguém conseguia ver a cara e ela só aparecia no banheiro, só no banheiro. Como se diz, existia várias explicações, além de ex-aluna, eu já ouvi que ela é essa Elisa Rabelo, que é uma moça que viveu muitos anos atrás aqui na nossa cidade, então, num tenho, eu acho que não tem uma coisa certa, cada pessoa sabe de uma história, acho que num tem uma certa”.

Relato Informante 16:

“tem pessoas que fala que ela é uma antiga diretora da escola, outras pessoas falam também que essa mulher do banheiro foi, sei lá, violentada, abusada, por isso que ela aparecia lá, então é, cada pessoa conta uma coisa, então já ouvi vários assuntos a respeito”.

Relato Informante 17:

“era só dar chutes três vezes seguidas no vaso do banheiro e dar descarga que ela aparecia. Quase ninguém tinha coragem de fazer isso, vai que ela aparecia mesmo (risos)”.

Segundo os velhos e ex-alunos, a loira não aparecia constantemente. Às vezes, como já relatado, ela ficava nos cantos do banheiro sem mostrar o rosto. Como muitos não conseguiam vê-la, era só realizar o ato de dar três chutes seguidos no vaso e dar descarga que a mulher surgia. Sendo assim, nasciam os desafios entre os alunos, ou seja: qual seria o corajoso de realizar tal procedimento para então visualizar a loira?

Não há um consenso sobre a história. São várias versões sobre o aparecimento da suposta mulher. O que há de confluyente entre todos os relatos é que a loira realmente aparece e, somente, no banheiro.

Relato Informante 18:

“os alunos não podiam juntar que era bagunça na certa. Eles ficavam pedindo para sair da sala na hora da aula e ficar no banheiro em moinhas ¹¹ (...) na hora do recreio a diretora tinha que ficar passando na frente do banheiro pra ficar vigiando eles”.

Segundo alguns ex-funcionários (professores e zeladores), a história foi criada com o intuito de impedir que os alunos fizessem arruaças no banheiro. Segundo eles, os alunos

¹¹ Aglomerado de pessoas num mesmo lugar em comum. Neste caso, trata-se do aglomerado de estudantes que se concentravam no banheiro da escola.

saíam da sala com o intuito de beber água ou fazer uso das dependências dos banheiros, mas acabavam por promover arruaças, comprometendo a disciplina da escola. Seguindo esses relatos, temos, portanto, uma história de controle, criada para fins específicos. Vale ressaltar que a loira só aparecia no banheiro da escola, onde eram constatados os maiores sinais da bagunça provocada pelos alunos.

Finalmente, aqui vale ressaltar que a “loira do banheiro” é uma lenda de controle comum em todo o território brasileiro. Assim, não é difícil perceber como sua criação seguiu o mesmo padrão do restante do país, inclusive com o desafio de “chutar o vaso” e “dar descarga desnecessariamente” como forma de provocar sua aparição.

4.3. Expressões idiomáticas e palavras que estão caindo em desuso

O estudo a respeito de expressões idiomáticas de Campo do Meio e zona rural vem sendo desenvolvido desde 2017, através de visitas às casas de moradores, preferencialmente, os idosos, e também em conversas informais e aleatórias. A maioria das expressões, principalmente aquelas que foram faladas por informantes de forma aleatória, em conversas informais, é conhecida por quase todos os moradores, inclusive por algumas crianças e jovens. Sendo assim, as expressões coletadas são bem corriqueiras no uso oral de toda a comunidade. As expressões idiomáticas são mais comuns na fala, porém é possível encontrá-las na modalidade escrita. Os dados levantados são comuns entre toda a comunidade campo-meense e os mais frequentes na fala das pessoas são:

Dado 1: porteira (vocabulo)

Dado	Identificação Data/local	Contexto	Evento	Sentido
<i>porteira</i>	14 de janeiro de 2018 – conversa entre conhecidos.	“fulano era uma porteira, nunca vi igual”	Duas pessoas em uma conversa comum.	Expressão idiomática usada para designar alguém mal-educado, grosseiro.

Costumeiramente, o termo “porteira” é usado para designar a profissão feminina de “porteiro” ou o portão de entrada de uma propriedade rural. A segunda definição é a mais comum no dia a dia. Sendo assim, porteira é algo que impede o caminho, ou seja, que delimita uma propriedade. A porteira é um impedimento, um transtorno, algo que se coloca no

caminho da gente. Mais do que isso, é grande, pesada, difícil de abrir. Se for em um dia de chuva, então, tudo piora! Dessa forma, dá para associar a alguém que seja de trato difícil, complicada para se estabelecer algum relacionamento, porque a pessoa não permite um diálogo: é uma pessoa mal-educada, grosseira.

Dado 2: guardar o feijão (expressão idiomática)

Dado	Identificação Data/local	Contexto	Evento	Sentido
<i>“guardar o feijão”</i>	23 de abril de 2017 – escritório no qual o entrevistado trabalhava	É, chegou a hora de eu guardar o feijão.	Uma conversa informal, situada no ambiente de trabalho, antecedendo uma das principais refeições, o almoço.	Refere-se a fazer uma das refeições mais importantes: almoço ou jantar.

“Guardar o feijão”, na concepção mais costumeira, assume o sentido de armazenar o cereal em determinado lugar. Pode, também, assumir o sentido de ser guardado no estômago de alguém. Quer dizer que o feijão só estará realmente guardado se estiver na barriga de quem o come; fora da barriga, ele pode ser “guardado” por qualquer um que tenha acesso a ele. Logo, a ideia guardar o “feijão” ou qualquer outro alimento a que a expressão se refira, é uma forma de dizer “guardar de forma que outro não possa mais pegar”, “guardar para sempre”.

Dado 3: invernar (vocábulo)

Dado	Identificação Data/local	Contexto	Evento	Sentido
<i>“invernar”</i>	27 de abril de 2017 – residência do entrevistado	Invernou neste mês de dezembro.	Uma conversa informal sobre as condições climáticas, enfocando o fato de que faz muito tempo que está chovendo sem cessar.	1. Chuva prolongada, ou seja, quando chove vários dias seguidos. Geralmente, a “invernada” vem após um período de muita seca, conhecido localmente como “aragem”. 2. Ficar dependente de bebida alcoólica.

“Inverno” é o nome dado para a estação da chuva em várias regiões do Brasil como, por exemplo, na Amazônia e no Nordeste. Assim, não é de tudo original que se chame o período de chuvas de “invernada”. A peculiaridade, o contraste maior, porém, está no fato de que, no sul de Minas Gerais, a chuva com maior frequência ocorre nas estações primavera e verão, propriamente, entre os meses de novembro a março. Isso implica que a concepção geral de “invernada”, um tempo chuvoso de médio prazo que vai passar em determinado momento é emprestado de alguma fonte mais antiga que relaciona “inverno” ao período de chuvas. Podemos recorrer à hipótese de que isso venha já desde o latim, em que *hibernus* era o tempo frio relacionado ao gelo e à neve, o tempo mais difícil do ano. A deusa romana *Hiems*, origem da palavra *hibernus*, era responsável pelo gelo, pela neve e pela geada. Como sabemos, a neve e a geada demandam chuva fraca, garoa ou sereno grosso. Tudo isso pode ter criado a relação entre chuva e inverno no português arcaico e isso ter passado às diferentes regiões brasileiras, especialmente às mais conservadoras, interioranas e ligadas ao cultivo do campo.

Ainda, deve-se notar que a relação entre inverno, líquidos, decadência e um tempo difícil na vida em geral se dá em outro sentido da palavra em Campo do Meio: o termo “invernar” é usado, também, quando alguém está dependente de bebida alcoólica por vários dias. É muito comum ouvir: “fulano invernou na cachaça”.

Dado 4: rateio (vocábulo)

Dado	Identificação Data/local	Contexto	Evento	Sentido
“rateio”	14 de janeiro de 2018 – conversa entre conhecidos.	Hoje mesmo eu vi cada rateio no Facebook.	Uma conversa informal entre amigos sobre assuntos aleatórios publicados nas redes sociais, especificamente, no Facebook.	Remete a algo engraçado, de caráter humorístico. Pode ser algo ou alguém inusitado, diferente, que causa certa diversão.

A palavra “rateio” faz referência aos verbos “ratear”, que é um verbo que significa separar algo proporcionalmente em partes e “ratar”, verbo que significa roer, morder, morder a maneira de ratos o que, em última instância, é deixar de agir como um homem para agir como um rato. Neste último sentido, a expressão assume um tom humorístico. Remete a algo engraçado. A pessoa pode ser um “rateio”, ou seja, estar agindo como um rato, fazendo

“ratadas”, no mesmo sentido em que “fulano é um pagode”, ou seja, ele é engraçado, tosco, faz coisas que um homem normal não faria.

Dado 5: largo (vocábulo)

Dado	Identificação Data/local	Contexto	Evento	Sentido
<i>“largo”</i>	17 de janeiro de 2018 – conversa entre conhecidos.	Fulano é largo demais, faz uma pequena chantagem e consegue tudo o que quer.	Uma conversa informal entre amigos sobre assuntos referentes a relacionamentos em geral.	Em Campo do Meio, essa expressão popular assume um sentido de pessoa esperta, malandra, que consegue alcançar determinado objetivo. Mas, alcançar tal objetivo não significa que seja de forma honesta.

“Largo” é extremamente comum ouvir em Campo do Meio. Uma expressão recorrente no Brasil que tem muita relação com essa é “*sujeito espaçoso*”. É alguém muito folgado, malandro, cheio de artimanhas. Dá para fazer uma associação entre as expressões. Largo, literalmente, é algo que ocupa espaços, assim, é alguém “largo” aquele que tira o conforto de outro de forma indevida, seja sobre ameaças ou chantagens, seja com outro tipo de engodo.

Dado 5: sartei de banda (expressão idiomática)

Dado	Identificação Data/local	Contexto	Evento	Sentido
<i>“sartei de banda”</i>	17 de janeiro de 2018 – conversa entre conhecidos.	Sartei de banda com você.	Uma conversa informal entre amigos sobre assuntos engraçados e/ou constrangedores.	Seria uma repulsa a algo, certo nojo, ser contra. Pode ser também algo do tipo: “não concordo com você.” Exemplo: A pessoa pergunta se você gosta de jiló, daí você usa a expressão “sartei de banda”, para dizer que não gosta.

A palavra banda, neste contexto, quer dizer *desvio, lado, outro lado* ou *posição oposta*, como ocorre, por exemplo, em “a outra banda do rio”. Assim, a expressão tem o sentido de

“tirar o corpo fora” de uma determinada situação ou não concordar com ela. Assim, nesse uso específico, banda remete a “lado” e ocorre em outras expressões locais como, por exemplo, “fulano passou de banda”, ou seja, ele passou ao meu lado, desviando de mim. Assim, também tem sentido de “sair da rota”. “*Sartei de banda*”, portanto, corresponde a “desviar” ou “fugir de algo”, sair da condição na qual se sugere que alguém esteja (concordante) para outra (não concordante). O verbo “saltar” significa sair de uma posição e ir para outra. É um ato de negar determinada coisa.

Dado 4: vai morder seu pai na bunda (expressão idiomática)

Dado	Identificação Data/local	Contexto	Evento	Sentido
“ <i>vai morder seu pai na bunda</i> ”	19 de janeiro de 2018 - conversa entre conhecidos.	Você me respeita, hein! Vai morder seu pai na bunda, rapaz!	Diálogo entre duas pessoas, no qual alguém ofende um dos interlocutores.	Expressão muito recorrente para defesa própria. Espécie de autodefesa. Por exemplo: quando alguém fala ou faz algo que não lhe agrada e você fica bravo. Daí o uso da expressão.

“Morder seu pai na bunda” é uma expressão muito recorrente em Campo do Meio. “*Morder seu pai na bunda*”, no sentido literal da expressão, seria uma falta de respeito a alguém. Ninguém, em sã consciência, morde o próprio pai na bunda. É algo impensável, que ninguém, em estado lúcido, fará. Esse talvez, seja o traço mais significativo do sentido da expressão: se você está agindo como louco para comigo, se está me desrespeitando, se está me ofendendo da forma que uma pessoa normal não faria, vá fazer isso com seu pai. Assim, essa expressão muito comum só é usada quando uma pessoa desrespeita outra. Nesse sentido é que ela se torna uma forma de autodefesa. Neste sentido, não é a pessoa que fez o uso da expressão que é mal-educada, mas sim quem, possivelmente, disse ou fez algo não agradável ou que ofendeu alguém.

Aqui, temos que destacar que essa expressão não foi encontrada em outros municípios do sul de Minas Gerais durante os quatro anos de pesquisa do Dicionário Sul-Mineiro de Expressões Idiomáticas, projeto do qual participamos, como pesquisador, no início de nossa pesquisa, o que leva a crer que seja endêmica de Campo do Meio.

Vale ressaltar que as expressões idiomáticas aqui apresentadas têm valor identitário para a comunidade, pois estão inseridas num cenário cultural específico. Para pessoas que não convivem com a cultura local ou que não a conhecem, talvez nenhuma dessas expressões faça muito sentido como aqui expor. Assim, essas marcas linguísticas, como as demais que coletamos, só assumem seus sentidos específicos porque estão devidamente situadas em uma comunidade de falantes que as construiu ou adotou, mas que as utiliza, mesmo que seja de forma esporádica.

Infelizmente, muitas dessas expressões identitárias estão sendo abandonadas e, hoje, ficam restritas a poucos grupos de falantes, pois os mais jovens, especialmente, têm optado por adotar uma linguagem mais “moderna”. Isso vai, aos poucos, destruindo parte da identidade local. O trabalho científico de, pelo menos, registrar essas expressões pode trazer interesse para esse conhecimento, especialmente se for adotado e devidamente apresentado nos ambientes escolares locais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa sobre as tradições orais e construções lexicais nos permite verificar as diferenças de sentido que a língua assume até mesmo em comunidades pequenas.

Os causos, as tradições orais e as expressões idiomáticas enriquecem o patrimônio cultural da cidade. A população, em especial, os velhos, sentiram-se felizes e úteis por terem contribuindo com esta pesquisa de resgate dessas tradições.

Além disso, a pesquisa comprovou como os falantes manuseiam o falar de acordo com as suas necessidades e intenções.

Além de ajudar a resgatar e a permanecer viva a cultura de um povo, o trabalho com tradições orais e construções lexicais pode promover atividades interessantes quando pensamos na educação básica, vinculadas à realidade de cada aluno, contextualizadas, de acordo com os pressupostos dos documentos que organizam e regem a educação brasileira. Por exemplo, o art. 2º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, diz que

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Estar atento e integrado à sua cultura, à sua realidade, conhecer sua história, sua língua e seus costumes é, certamente, a única forma de promover, de forma satisfatória, o exercício de cidadania.

Além do mais, este trabalho permite levar um pouco da cultura sul-mineira a outras culturas que diferem da nossa. Durante as pesquisas nesse molde, mais do que conhecimento é adquirido: são criados laços de amizade que ficarão eternizados. Afinal, cada uma das famílias entrevistadas têm uma realidade específica, mas todas compartilham de uma mesma característica: a simplicidade.

Por fim, a pesquisa permitiu, mais uma vez, uma reflexão sobre como devemos, o mais rápido possível, aprender a valorizar e a preservar a riqueza cultural que só os velhos de cada geração possuem. Isso, é evidente, remete para a necessidade de uma prática pedagógica permanente de valorização do conhecimento acumulado nas gerações e de ensino da valorização da cultura local em contraste com a cultura globalizada, muitas vezes, vazia e

apenas mercadológica. Ou seja: ainda há um longo caminho a se percorrer neste país em defesa das identidades e das culturas regionais.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico*. 48ª e 49ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004, p. 75-88.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade – Lembranças de Velhos*. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BRASIL. *Lei de diretrizes e bases da educação* (1996). Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Câmara dos Deputados, 2015.

CAMPOS, Luana Carla Martins e DIAS, Alexandre Borim Coda. *Campo do Meio: memórias, identidades e heranças da terra*. Belo Horizonte, MG: Tamoio Editora Gráfica Ltda., 2010.

CARVALHO, Ana Paula Mendes Alves de. *Língua e Identidade cultural: o estudo da toponímia local na escola*. Ouro Branco, UFMG, 2012, 13p.

FERRAREZI Jr., Celso. *Introdução à Semântica de Contextos e Cenários: de La langue à la vie*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

FERRAREZI Jr., Celso. *A pesquisa em Semântica de Contextos e Cenários: princípios e aspectos metodológicos*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2018.

FERRAREZI Jr. e BASSO, Renato. *Semântica, semânticas: uma introdução*. São Paulo, SP: Editora Contexto, 2013.

FERREIRA, Marieta de Moraes (org.) *História oral: desafios para o século XXI*. / Organizado por Marieta de Moraes Ferreira, Tania Maria Fernandes e Verena Alberti. — Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC - Fundação Getúlio Vargas, 2000, p 01-45.

GOVERNO DE MINAS GERAIS. *Prefeitura Municipal de Campo do Meio*. Disponível em: <http://www.campodomeio.mg.gov.br/>. Acesso em: 25 de agosto de 2018.

SOUZA, Maria Enísia Soares de. *Os Personagens do Tempo – Uma análise dos sujeitos histórico e ideológico do homem velho*. (Dissertação de Mestrado). Guajará-Mirim, RO: Universidade Federal de Rondônia, 2004.